

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
Programa de Pós-graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas

Mozileide Neri Barbosa

LER-FAZER-CONTEXTUALIZAR OS LIVROS-OBJETO:
Uma exposição de arte mediada por um percurso multissensorial

Belo Horizonte

2025

Mozileide Neri Barbosa

LER-FAZER-CONTEXTUALIZAR OS LIVROS-OBJETO:
Uma exposição de arte mediada por um percurso multissensorial

Monografia de especialização em formato de artigo científico apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes - PPG-Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador: Rodrigo Borges Coelho

Belo Horizonte

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

NOME: **MOZILEIDE NERI BARBOSA**, Nº. DE REGISTRO: **2023734589**

TRABALHO FINAL: **“LER-FAZER-CONTEXTUALIZAR OS LIVROS-OBJETO: PERCURSO MULTISSENSORIAL MEDIADO”**.

Trabalho de Conclusão da Especialização apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, do Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

APROVADO em 05 de agosto de 2025, pela Banca Examinadora constituída pelos Membros:

Prof. Dr. Rodrigo Borges Coelho (Orientador/ CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG)

Profa. Dra. Glenda Maira Silva Melo (Membro da Banca Examinadora/Escola Guignard/ UEMG)



Documento assinado eletronicamente por **Rodrigo Borges Coelho, Professor do Magistério Superior**, em 12/08/2025, às 11:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Glenda Maira Silva Melo, Professora Magistério Superior-Substituta**, em 18/08/2025, às 11:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4453306** e o código CRC **BB3AD62D**.

Referência: Processo nº 23072.248912/2025-89

SEI nº 4453306

“Eu, pessoa cega de nascença, só consigo ler uma obra de arte utilizando as pontas dos dedos”.

Domingos Ferreira

RESUMO

Nesta pesquisa, desenvolvi um percurso multissensorial mediado para inserção de pessoas com deficiência visual na minha exposição de arte contemporânea intitulada “Leitura sensorial”. As dinâmicas metodológicas de mediação utilizaram os livros-objeto multissensoriais que compõem a mostra expositiva. O objetivo dessa pesquisa é oportunizar a autonomia de todos os públicos na exposição “Leitura sensorial”. Apropriei-me dos conceitos da abordagem triangular da arte-educadora Ana Mae Barbosa, que me forneceu o aporte teórico necessário para o desenvolvimento do trabalho multissensorial com diversos públicos. Utilizei a metodologia da pesquisa de levantamento após conversas e trocas com pessoas cegas e com baixa visão, residentes da cidade do Rio de Janeiro. Os resultados obtidos foi a seleção e adequação dos materiais para produção dos livros-objeto multissensoriais, a avaliação técnica das pessoas com deficiência visual em relação à durabilidade e diversidade de texturas dos objetos artísticos. Por fim, considero importantes os estudos sobre políticas públicas de acesso para autonomia das pessoas com deficiência visual em todos os espaços expositivos de arte, públicos e privados. Assim como a urgência da eliminação de barreiras capacitistas que se mantêm ancoradas em diversas áreas de conhecimento da sociedade.

Palavras-chave: Abordagem triangular, Experiência tátil, Livros-objeto, Mediação.

ABSTRACT

In this research, I developed a mediated multisensory pathway for the inclusion of people with visual impairments in my contemporary art exhibition entitled "Sensory Reading." The methodological dynamics of mediation utilized the multisensory object books that comprise the exhibition. The objective of this research is to provide autonomy for all audiences in the "Sensory Reading" exhibition. I appropriated the concepts of art educator Ana Mae Barbosa's triangular approach, which provided me with the theoretical framework necessary to develop multisensory work with diverse audiences. I used the survey research methodology after conversations and exchanges with blind and visually impaired people living in the city of Rio de Janeiro. The results obtained included the selection and adaptation of materials for the production of multisensory object books, and the technical evaluation of visually impaired people regarding the durability and texture diversity of the artistic objects. Finally, I consider studies on public access policies for the autonomy of people with visual impairments in all art exhibition spaces, both public and private, to be important. As well as the urgency of eliminating ableist barriers that remain anchored in various areas of knowledge in society.

Keywords: Triangular approach, Tactile experience, Object books, Mediation.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1	Livros-objeto.....	12
2.2	Políticas culturais de inclusão.....	13
2.3	O museu e a exposição Leitura sensorial.....	14
3	MEDOTOLOGIA	15
4	RESULTADOS	17
4.1	Análises dos resultados	22
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
	REFERÊNCIAS	25

1 INTRODUÇÃO

Para iniciar este artigo, considero importante destacar onde tudo começou: no Museu da Inclusão, um marcador fundamental na minha trajetória artística, a primeira série dos meus livros-objeto sensoriais, foi exposta pela primeira vez, em junho de 2018, no Museu Estadual Memorial da Inclusão: Os Caminhos da Pessoa com Deficiência¹. A partir das experiências com arte-educação, eu facilitei duas oficinas para crianças com e sem deficiência visual, juntas, realizando a mesma atividade, manipulando os mesmos materiais. A partir desse encontro, eu adquiri o conhecimento da ampliação da diversidade de públicos, dos recursos de acessibilidade cultural e pude evidenciar a segregação desse público específico nos museus e espaços expositivos de arte.

Dito isto, também considero relevante informar sobre a escolha do título deste artigo, “Ler-fazer-contextualizar os livros-objeto: Uma exposição de arte mediada por um percurso multissensorial” faz referência a uma atividade educativa, desenvolvida por mim, inserida à exposição “Leitura sensorial”², no qual vinte e cinco livros-objeto multissensoriais foram expostos para fruição de pessoas com e sem deficiência visual, ou seja, todos os públicos puderam tocar nas obras.

Quando apresento a expressão “ler-fazer-contextualizar” quero reforçar os pedidos e diálogos que tive com pessoas com deficiência visual, afinal estas palavras, unidas por hífen, atuam juntas no processo de identificação das pessoas cegas ao tocarem o objeto tateado. Os pedidos de “poder tocar” nas obras visuais sempre foram uma temática recorrente. O ler, fazer e o contextualizar são expressões que necessitam da percepção tátil para uma pessoa cega. Tal percepção, está nas pontas dos dedos, e não apenas em escanear um QR Code, ouvir uma audiodescrição, tocar o braille descritivo de uma obra de arte, tudo isso são recursos informacionais, não permitem a fruição autônoma de uma pessoa cega. Nesse sentido, a Abordagem Triangular, da arte-educadora Ana Mae Barbosa³, auxiliou-me e, permanece auxiliando, na execução e compreensão do percurso multissensorial aqui proposto, onde o “ler” se inicia a partir do toque e, posteriormente, do reconhecimento dos materiais de cada objeto exposto; o “fazer” a partir da construção e percepção da imagem desse objeto e o

¹ Criado pela Secretaria do Estado de São Paulo dos Direitos da Pessoa com Deficiência, o Museu foi inaugurado em 2009 e faz parte do movimento social da pessoa com deficiência.

² Exposição temporária, ativa, realizada em galerias de arte e museus, desde 2022, em diferentes cidades brasileiras.

³ Ana Mae Barbosa (1936) é professora, arte-educadora e pesquisadora brasileira, reconhecida por sua contribuição para a arte-educação. Desenvolveu a abordagem triangular, que propõe que o ensino de arte seja baseado na apreciação de obras, na contextualização histórica e cultural e na produção artística.

“contextualizar” mediante as informações obtidas pelas fichas técnicas de cada objeto. Na exposição “Leitura sensorial” este processo foi mediado a partir de um percurso pré-estabelecido, no qual livros-objeto sonoros, olfativos e com diferentes texturas, puderam ser tateados, escutados e cheirados e, dessa forma abrangente, lidos.

Nessa pesquisa, a terminologia “ler” rompe o verbo e suas conjugações de leitura do tempo verbal. Transpõe, também, a ideia de leitura de imagens, porque faz referência, primeiramente, às pessoas cegas que utilizam as pontas dos dedos para ler não apenas a escrita em braille, mas também para sentir todo o contexto de um objeto, no caso um objeto artístico. Com relação ao texto, a informação que está escrita em braille é a mesma disponibilizada a quem enxerga e a lê impressa em tinta.

O vidente, aquele que pode ver com os olhos, vê a imagem - sendo o toque, para este, apenas um complemento informacional. Para a pessoa cega e com baixa visão, tocar com as mãos possibilita não apenas sentir, mas ler e obter informações a respeito de todas as superfícies, suas texturas, peso e volumes. Além disso, é importante mencionar que a obra tátil só terá funcionalidade (ou seja, só poderá ser percebida como tal) se houver ficha técnica ou informações em braille. A pessoa cega que toca o livro-objeto necessita dessas informações em braille para iniciar sua leitura tátil, e, em alguns casos, na ausência do braille, a audiodescrição torna-se imprescindível. Podemos afirmar que a ausência de recursos de acessibilidade, atitudinais e comunicacionais, nos museus e espaços culturais impossibilita o acesso das pessoas com deficiência visual e a sua autonomia diante de uma obra de arte. Os autores Matsushita e Da Conceição Silva (2024, p. 04) abordam a importância dos “produtos educacionais, dos recursos de tecnologia assistiva e inovações tecnológicas”:

A estimulação multissensorial contribui para a interação com o mundo; a constituição da identidade; a compreensão de aspectos culturais da sociedade em que se insere, de modo participativo, e a conversão de conceitos abstratos, como as palavras, em concretos. São responsáveis pela produção de sentidos ou significados a partir das impressões que criam e que auxiliam a pessoa com deficiência visual na construção de representações do mundo e de mapas mentais sobre si, o outro e os cenários sociais.

Por esse motivo, adotou-se a estimulação multissensorial para promover uma leitura dos materiais e processos de produção dos livros-objeto multissensoriais para que de posse desses saberes, possamos apresentar e colocar em análise o conceito da proposta expositiva “Leitura sensorial”, seus objetivos e ações educativas.

A curadoria técnica realizada por pessoas cegas e com baixa visão durante todo o processo foi primordial e sua importância na construção das obras e dos trabalhos de mediação será destacada. Ao propor uma prática educativa com pessoas com e sem

deficiência visual juntas, realizando o mesmo percurso com objetos multissensoriais, percebemos uma enorme potência e pluralidade dialógica, no trabalho com o livro-objeto e com a abordagem triangular.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No caso das pessoas com deficiência visual é fundamental a garantia da autonomia dentro dos espaços expositivos de arte, sejam eles públicos ou privados, assegurando os recursos de acessibilidade – arquitetônica, atitudinal, instrumental, programática, comunicacional, natural e digital, para garantir a eliminação de diferentes tipos de barreiras. A existência de piso tátil, elevadores adaptados para pessoas cadeirantes, fichas técnicas com fonte ampliada e braille são fundamentais para a autonomia das pessoas com deficiência. Sobretudo, a inclusão de pessoas com deficiência visual na equipe técnica desses espaços, na curadoria e expografia das exposições.

O Estatuto da pessoa com deficiência ao estabelecer o princípio da igualdade e não intolerância, no artigo 4º, considera como discriminação em razão da deficiência toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoas com deficiência, incluindo a recusa de adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistidas. A efetivação do modelo biopsicossocial, ou seja, modelo que incorpora as três dimensões: a biomédica, a psicológica e a social, garante o respeito à dignidade da pessoa com deficiência e reconhece a necessidade de interdependência entre os seres humanos. Para termos uma sociedade equânime, a pessoa com deficiência deve ser reconhecida como cidadã ativa.

A implementação de políticas públicas em prol da acessibilidade cultural no âmbito dos museus e espaços expositivos de arte possibilita que todos se beneficiem. Ao permitir que esses espaços se tornem mais sensíveis, acolhedores e igualitários, os profissionais integrados às ações educativas podem proporcionar experimentações, por meio de objetos artísticos e formas multissensoriais de se relacionar com as exposições de arte e o espaço cultural. As pessoas com deficiência, os neurodivergentes, aqueles com dificuldades de aprendizagem, as crianças pequenas e os idosos necessitam de recursos que proponham percepções por meio dos sentidos que não se limitem à visão e audição; com adequações espaciais que proporcionem acesso aos indivíduos que se locomovem de maneiras diferentes e com equipamentos de mobilidade; estratégias de comunicação alternativas que

privilegiem diversos níveis de cognição e outros aspectos que respeitem as diferentes disposições dos indivíduos que formam nossa sociedade diversa.

Raramente encontramos réplicas táteis disponíveis para as pessoas com deficiência visual em exposições, sejam elas de pinturas, desenhos, gravuras, esculturas e objetos, assim como raramente há obras táteis nas exposições dos museus de arte, nos museus históricos, etnográficos, de ciência e tecnologia, nos museus comunitários. Excepcionalmente encontramos informações em braille ou audiodescrição. Quero destacar um aspecto, a ausência de profissionais com deficiência visual na maioria dos museus e espaços culturais. Uma verificação que diz muito sobre o público-alvo da maioria dos espaços culturais. A presença deste profissional traria uma grande contribuição para a não segregação de pessoas cegas e com baixa visão. A frase mencionada tantas vezes pelas pessoas com deficiência, “nada sobre nós sem nós” é contundente.

2.1. LIVROS-OBJETO

Segundo Araújo (2006), o livro-objeto é um livro para ser visto e admirado a certa distância e para ser contemplado em ambientes amplos, como museus ou galerias, porque se apresenta com status e dimensões escultóricas. A leitura estética do livro-objeto não tem a formalidade do livro comum, pois ele a transpassa, ultrapassando a linearidade da escrita e o modelo do livro convencional. Também, não há necessidade de alfabetização, nem da presença do código de linguagem escrita, porque o que existe é uma linguagem puramente experimental. Dessa forma, embora assumam a forma conceitual do livro, os livros-objeto estão mais próximos de obras de arte escultóricas, assumindo, de acordo com Silveira (2001), sua autonomia de objetos de arte ao pertencerem a uma nova espécie de categoria na arte contemporânea, que se tornou possível devido às tendências pós-modernas do final da década de 1960. Nessa condição, a narrativa literária é substituída por uma narrativa plástica e o livro-objeto, muitas vezes, fica restrito ao campo da contemplação, não demandando nenhum contato manual, nenhum toque.

Para Silveira (*id*), um livro não é um livro se não se puder abri-lo e descobrir certo número de páginas que se podem ler ou olhar (ideia de uma informação mais ou menos conceitual a comunicar) e, em todo caso, folhear uma após a outra (ideia de sequência). Uma boa parte dos exemplos de livro-objeto são assinalados por um critério-antinarrativo, em que a figuração se dá através da construção dos materiais empregados sem acrescentar notação de caráter, por assim dizer, explicativo, ou seja, sem vínculo direto com a literatura, com a

comunicação social ou com outros produtores de informação legível, os livros-objeto encontraram nas artes plásticas seu lugar. Silveira (*id ibi*) diz ainda que o livro de artista é uma categoria (ou prática) artística que desenvolve tanto a experimentação das linguagens visuais como a experimentação das possibilidades expressivas dos elementos constituintes do livro comum. O transporte de significado do texto para o volume em si pode ser muito radical, caso específico em que a obra passa a ser denominada livro-objeto. Assim, nem todo livro de artista é um livro-objeto, mas certamente todo livro-objeto é um livro de artista.

Viviane Baschiroto (2016) menciona as possibilidades da categorização híbrida, afinal o livro de artista pode ser diverso, se articula com diferentes materiais, se insere aos recortes, às perfurações, na permanência da história e no envelhecimento. Provocando o público, rompe fronteiras e o próprio estatuto da obra de arte e estetiza o objeto livro, desconstruindo o corpo físico e imaginário para além dele. Situa-se com liberdade ao campo da arte, o livro se une ao jogo da decifração e significação, das metáforas. A artista Edith Derdyk (2023) nos apresenta outras nomenclaturas e dimensões “territoriais” possíveis do livro-objeto:

O livro-objeto e todas as suas recorrências – livro de artista, livro-obra, livro alterado, diário – são territórios que entreabrem uma incerta convivência entre diferentes linguagens e procedimentos. A própria designação indeterminada livro-objeto, palavra composta, ligada ou interrompida por uma ponte-hífen, aponta para uma linguagem híbrida, pensamento-colagem (Derdyk, 2023, p.9).

2.2 POLÍTICAS CULTURAIS DE INCLUSÃO

Para Sarraf (2015), a acessibilidade só acontece quando tanto os equipamentos e os instrumentos de comunicação, quanto os espaços físicos podem ser utilizados com segurança e autonomia pelos visitantes independente, de suas condições:

Acessibilidade em museus significa que as exposições, espaços de convivência, serviços de informação, programas de formação e todos os demais serviços básicos e especiais oferecidos pelos equipamentos culturais devem estar ao alcance de todos os indivíduos, perceptíveis a todas as formas de comunicação e com sua utilização de forma clara, permitindo a autonomia dos usuários. Os museus para serem acessíveis, portanto, precisam que seus serviços estejam adequados para serem alcançados, acionados, utilizados e vivenciados por qualquer pessoa, independente de sua condição física e comunicacional (Sarraf, 2015, p. 38).

No âmbito brasileiro, a Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000 (Brasil, 2000), estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade às pessoas

com deficiência e com mobilidade reduzida. Uma das primeiras autoras a discutir essa questão no Brasil foi Gabriela Aidar, que problematizou a ideia de que a inclusão fosse somente “desenvolvimento de públicos”, e de que seu papel fosse trazer para o museu, públicos que tradicionalmente não o visitavam (Aidar, 2002, p. 59). Para a autora, o sentido da inclusão sendo maior e mais significativo, deveria considerar, “para além de uma maior acessibilidade às instituições museais, o desenvolvimento de ações culturais que tenham impacto político, social e econômicos, e que tenham alcance tanto a curto quanto a longo prazo” (Aidar, 2002, p. 60).

As políticas públicas de inclusão deveriam, assim, construir estratégias e garantir que se possam ampliar os modos de ver uma exposição, principalmente as contemporâneas, sejam elas exposições de pintura, escultura, objeto, instalação, colagem ou performance, levando a uma “alfabetização cultural” pode ser entendida como:

Uma pedagogia que propõe a descolonização da memória e do imaginário do ser humano através de diálogo cultural com outros, por meio de processos de sensibilização, autoleitura, autoconscientização e transformação coletiva. (...) um modo de vida que descoloniza a inconsciência política e a memória corporal para intervir na reprodução do passado; uma pedagogia que cultiva a sensibilidade intercultural e a consciência performativa necessárias à formação de novas comunidades solidárias e cooperativas, e novas políticas democráticas de libertação (Baron, 2004, p. 419).

2.3 O MUSEU E A EXPOSIÇÃO LEITURA SENSORIAL

Diante da problematização do acesso das pessoas cegas e com baixa visão a museus e espaços expositivos de arte, o incentivo à leitura de imagens não apenas com os olhos, mas também com as pontas dos dedos, mostra-se urgente. Para Analice Dutra Pillar (1999), em seu trabalho sobre leitura e releitura de imagens, afirma que o termo leitura está sendo utilizado de forma mais ampla para incluir o processo de observação e reflexão sobre o mundo visual, não apenas a leitura de textos escritos. É por meio do toque que as pessoas cegas e com baixa visão sentem, leem e codificam suas interpretações sobre o artefato tocado, respeitando suas condições cognitivas, e o contexto social, cultural, político e econômico em que vive.

A problematização sobre o uso e a validação do termo “leitura” aplicada a imagem se mantém ativa e o contraponto é justamente a inserção da deficiência visual no campo das artes visuais, onde também o “visível” só pode ser acionado a partir do toque. Na perspectiva da pessoa cega e com baixa visão, o mais importante na leitura de uma imagem é a compreensão totalitária do trabalho aberto à apreciação, o que implica um diálogo, mediado pela obra, entre

o artista e o público.

A imagem-objeto, ou seja, o livro-objeto e a sua respectiva ficha técnica, possibilitam à leitura da obra. Se o texto curatorial abre o primeiro entendimento do que está sendo exposto, aborda o assunto, a pesquisa, as referências, de certo modo já inicia uma contextualização da exposição. Se a obra for tátil, mas não houver um texto em braille para que a pessoas cega possa identificar as informações daquela obra tocada, a leitura será incompleta ou simplesmente não haverá compreensão do que está sendo lido (tocado). O projeto expositivo “Leitura sensorial” já estabelece uma experiência a partir do próprio nome. Os livros-objeto são perceptuais, estabelecem uma relação ativa com o seu observador, no qual a visão não está condicionada a mera contemplação, é preciso olhar mais de perto, tocar, interagir, investigar, ler e ser lido pelo objeto multissensorial. Segundo Santaella (2012), a pessoa vidente precisa alfabetizar a visão, “aprender a ler imagens”:

Ou seja, significa adquirir os conhecimentos correspondentes e desenvolver a sensibilidade necessária para saber como as imagens se apresentam, como indicam o que querem indicar, qual é o seu contexto de referência, como as imagens significam, como elas pensam, quais são seus modos específicos de representar a realidade (Santaella, 2012. p. 14).

Se, para Santaella (2012) as imagens são representações visuais, na exposição “Leitura sensorial” os livros-objetos são imagens tridimensionais fixas e móveis, produzem e reproduzem narrativas, experiências e uma diversidade de leituras.

3. METODOLOGIA

Idealizado por mim, o Percurso multissensorial mediado possui metodologias práticas e coletivas, adaptáveis a diferentes faixas etárias de pessoas com e sem deficiência visual, tendo sido disponibilizado gratuitamente a todos que visitaram à exposição “Leitura sensorial”. Os interessados realizavam uma inscrição prévia e cada percurso foi, então, composto por até vinte pessoas.

Os objetivos da atividade são as experiências, percepções e trocas de leitura com e sobre os livros-objeto táteis multissensoriais presentes na exposição. O processo criativo dos livros-objeto multissensoriais, para a exposição “Leitura sensorial” começou a partir de uma pesquisa, em andamento, sobre novos suportes, ou seja, o livro tornou-se um material suscetível à experimentação. Os primeiros exemplares utilizados foram do meu acervo pessoal, retirados de uma estante repleta de livros diversos, dimensões, volumes e gramaturas

diferentes. Para a produção dos livros-objeto multissensoriais, os livros utilizados perderam sua função convencional de objeto de leitura. A reutilização do objeto livro foi uma experimentação bem-sucedida. O livro esquecido na estante, tonou-se um bloco de papel, lacrado, apto a utilização de diversas tintas, cortes, costuras e colagens. A priori, os meus livros-objeto foram produzidos com diversos elementos táteis, sonoros e olfativos, para serem percebidos (texturas), acionados (sonoros) e decifrados (olfativos). A curadoria dos livros-objeto multissensoriais destacou a funcionalidade, durabilidade e pluralidade de texturas como requisitos primordiais, ampliando assim, dos modos de leitura tátil, as percepções dos sons e dos aromas de todos os públicos. Importante informar que a assessoria e curadoria das pessoas com deficiência visual foi composta por um grupo diverso, com e sem experiência no universo das artes visuais. Alguns com graduação em história da arte, história e pedagogia, outros cursando o ensino médio e o ensino fundamental.

A metodologia utilizada do Ler-fazer-contextualizar foi inspirada na Abordagem Triangular, desenvolvida por Ana Mae Barbosa. Sistematizada nas últimas décadas do século XX, a Abordagem Triangular vem sendo aprimorada não constituindo-se como algo fechado e roteirizado. Ao contrário, seu uso tende a expandir as possibilidades de compreensão, fruição e leitura de obras de arte e imagens, evidenciando que a teoria da aprendizagem triangular é dinâmica, aberta e despadronizada.

No caso dos livros-objeto, presentes na exposição, a pessoa cega inicia a leitura a partir da ficha técnica, na qual o título da obra revela uma ideia inicial sobre o objeto e a conscientização dos materiais utilizados estimulam a percepção e o desafio de identificá-los ao tatear. A compreensão da totalidade do livro-objeto se dará no desenvolvimento da investigação multissensorial, ou seja, no fazer-ler-contextualizar, que se apresenta de modo multidisciplinar, tendo que se adaptar às diversas linguagens contemporâneas e aos mais variados modos de mediação e interlocução entre o objeto artístico e os diversos públicos.

Segundo os autores Francisco e Gonzalez (2022), A deficiência visual pode ser caracterizada como cegueira congênita – refere-se àquela que a pessoa já nasce com ela e cegueira adquirida – em que a pessoa adquire em qualquer outro período da vida. As definições e terminologias utilizadas, são determinadas de acordo com as funções da visão impactadas e de acordo com o grau de deficiência visual de uma pessoa. Enquanto a acuidade visual é compreendida como a capacidade de visualizar detalhes e enxergar o objeto em determinada distância, o campo visual, também conhecido como campimetria, faz referência a área do espaço que conseguimos ver quando estamos fixando o olhar a um determinado ponto específico. Visão-subnormal e baixa visão são termos utilizados para descrever uma perda

significativa da visão que não pode ser corrigida com óculos, lentes de contato ou cirurgia. Já visão residual se refere à quantidade de visão que uma pessoa ainda possui.

As sensações táteis, por tanto, são imprescindíveis e auxiliam a pessoa cega a ver uma obra de arte por meio de relações e recursos que ultrapassam o sentido da visão. O público com deficiência visual, seja adquirida ou congênita, obtém, por exemplo, a compreensão das cores de modo subjetivo e particular, através de uma memória descritiva, construída através da oralidade dos outros ao seu redor.

4. RESULTADOS

Utilizando a Abordagem Triangular de Ana Mae, incentivei a experiência tátil com pessoas com e sem deficiência visual. O Ler-fazer-contextualizar se iniciou através da leitura do texto curatorial, impresso em fonte ampliada e braille. O texto foi o primeiro acesso de entendimento e contextualização do processo artístico da exposição e dos livros-objeto.

Para as pessoas cegas e com baixa visão, ler com as pontas dos dedos revelou não apenas os aspectos das texturas e volumes, mas o peso dos objetos, suas dimensões e asperezas, em uma diversidade subjetiva de fruição. O tatear das mãos possibilitou as primeiras impressões do que estava sendo exposto e sobre o que o texto curatorial destacou. Os livros-objeto foram lidos pela sensação do toque, ouvidos pelos sons e percebidos pelos diferentes aromas. A descoberta através da experiência tátil surpreendeu os videntes, que, na sua maioria, tocavam pela primeira vez um objeto artístico exposto em um museu. A mediação atenta evidenciou a autonomia das pessoas cegas e com baixa visão no deslocamento entre os cubos expositivos nos quais estavam expostos cada livro-objeto. Uma verificação espontânea, sem pressa, minuciosamente detalhista, sem percepções distraídas ou equivocadas.

O percurso de leitura, toque e percepção dos livros-objeto foi coletivamente comentada por ter uma diversidade de texturas e sonoridades. Os aromas percebidos foram nomeados com a ativação da memória. Alguns reconheceram as possíveis fragrâncias, sugeriram nomes de ervas e marcas de sabonetes. A experiência olfativa se intensificou com elementos não visuais, elaborados por lembranças e registrados por relatos individuais, que aos poucos se tornaram memórias coletivas compartilhadas.

O processo do fazer, após toda a experiência multissensorial, se mostrou atento aos detalhes anteriormente percebidos. O incentivo à construção de um novo objeto, instigou as mãos curiosas, que investigaram com pressa os materiais dispostos sobre uma grande mesa.

Tesoura, cola, sementes desidratadas, tampinhas de plástico e livros diversos, foram os materiais disponíveis para produção de livro-objeto sonoro.

A mediação orientou cada etapa do processo. As pessoas com e sem deficiência estavam juntas, lado a lado, executando os mesmos processos de construção. Entre o já contextualizado e lido, as proposições se organizaram na prática e no fazer a partir de uma nova percepção: o desafio de experimentar passo a passo o processo lúdico de criação individual e coletivo.

Assim, a pessoa cega realiza a fruição no encontro entre a subjetividade e a sensibilidade do seu modo de tatear, referenciado pelo texto curatorial e o das fichas técnicas em braille. E foi através da parceria inicial com o Museu da Inclusão, fundamentada na experiência prática do público visitante, que se construiu uma assessoria, formada por pessoas com deficiência visual, para a orientação dos materiais utilizados na produção dos livros-objeto. Portanto, a seleção das obras para a exposição “Leitura sensorial” deu-se por meio de uma curadoria compartilhada. A assessoria participativa de pessoas com deficiência visual foi fundamental para a seleção dos materiais considerados adequados em suas especificidades de durabilidade, alternância de texturas, diversidade de volumes e adequação à experiência tátil para todos os públicos. Coletivamente, as pessoas com deficiência foram convidadas a selecionar vinte e cinco obras multissensoriais para serem expostas para todos os públicos, pessoas com e sem deficiência visual. E assim permanece, todos os meus livros-objeto são selecionados por pessoas cegas e com baixa visão antes de serem expostos em galerias de arte e museus.



Figura 1 – Leitura do texto curatorial impressa em braille
Fonte: Acervo fotográfico da artista visual Mozileide Neri

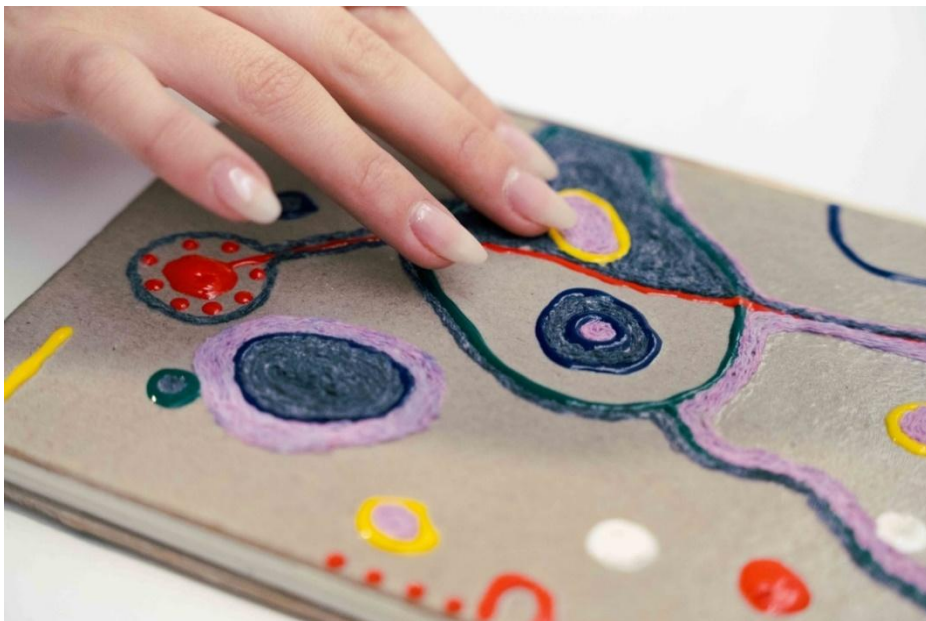


Figura 2 – Leitura tátil de um livro-objeto
Fonte: Acervo fotográfico da artista visual Mozileide Neri



Figura 3 – Dois livros-objeto da exposição “Leitura sensorial”
Fonte: Acervo fotográfico da artista visual Mozileide Neri



Figura 5 – O fazer de um livro-objeto sonoro
Fonte: Acervo fotográfico da artista visual Mozileide Neri



Figura 4 – O fazer de um livro-objeto
Fonte: Acervo fotográfico da artista visual Mozileide Neri

4.1 ANÁLISES DOS RESULTADOS

É fundamental inserir as pessoas com deficiência visual na curadoria dos objetos artísticos para que esses objetos sejam validados e considerados aptos à experiência multissensorial. Os meus livros-objeto foram tateados, cheirados e agitados por diferentes mãos, crianças e adultos, para a verificação da sonoridade e reconhecimento das texturas e da eficiência dos aromas naturais em relação à ativação da memória.

O suporte utilizado, o livro, anteriormente folheável, solicita agora outros modos de ler. Todas as obras solicitam ao observador uma nova modalidade de leitura, uma imersão ao campo expandido de possibilidades de um novo olhar. Ana Mae Barbosa interrelaciona a ideia de “leitura da obra de arte” com a feitura e criação de um novo objeto e, também, com sua contextualização. Afinal os livros-objeto multissensoriais têm diferentes tipos de materiais reaproveitados, diversas técnicas inseridas na produção, como pintura, colagem, bordado, costura, entre outras, uma pessoa cega só poderá perceber, vivenciar, através do toque.

É preciso ressaltar que todas as experiências de criação em arte trazem mudanças significativas, seja no museu, no ateliê ou na sala de aula. Nesta última, elas possibilitam que os estudantes não apenas produzam, mas, sobretudo, reflitam sobre as obras estudadas e sobre os seus próprios trabalhos. Nesse sentido, Ana Mae Barbosa nos inspira e nos tensiona a pensar processos que considerem as qualidades das obras produzidas por artistas:

Temos que alfabetizar para a leitura da imagem. Através da leitura de obras de artes plásticas estaremos preparando a criança para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema e da televisão, a preparamos para aprender a gramática da imagem em movimento (Barbosa, 1991, p. 34).

O projeto expositivo “Leitura sensorial” se iniciou numa inquietação de ausências, tanto da oferta de exposições multissensoriais quanto da disponibilidade de recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência visual nos espaços expositivos de arte.

Ao enfatizar a prática da leitura de livros-objeto multissensoriais, provooco diálogos reflexivos sobre o processo e o formato dessa leitura: aplicação de regras, códigos, instruções de utilização da experiência tátil e convenções necessárias para a durabilidade desses objetos e para a autonomia da pessoa com deficiência visual.

Lúcia Santaella (2012) também me auxiliou na compreensão expandida do conceito de “leitura” relacionado aos livros-objeto multissensoriais. Nessa pesquisa, o verbo “ler” se

desloca da sua classificação habitual como um verbo irregular e transitivo direto, não se restringindo aos elementos verbais. Pelo contrário, “ler” um livro-objeto multissensorial demanda diferentes modos de percepção, o ler apenas palavras não basta. Aqui, a leitura deslumbra o tridimensional, um verbo-visual para as cores, volumes, texturas, sonoridade e aromas que necessitam de uma investigação e ativação da memória. Segundo Santaella (2012) é necessário expandir o conceito de leitura, afinal palavras e imagens se relacionam.

Ora, a imagem é uma realidade muito distinta do verbo. Mas essa diferença pode nos levar ao caminho contrário, a saber, à convicção de que só podemos ler imagens por meio de outras imagens, dispensando o corpo estranho dos comentários verbais. A ideia não é de modo algum absurda – entender e explicar imagens por meio de imagens. Entretanto, o que se tem aí é uma atividade muito mais próxima da criação artística, pertencente ao campo da estética, do que uma atividade didática (Santaella, 2012, p. 13).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa partiu do pressuposto básico de que todo e qualquer indivíduo deveria ter condições de acesso, permanência e livre fruição em qualquer exposição de arte. Esse pressuposto parte da percepção de que os espaços expositivos, em sua maioria, ainda mantêm modelos segregadores nas suas programações, impossibilitando o acesso de pessoas cegas e com baixa visão, independente de suas limitações físicas, sensoriais e intelectuais.

Acessibilidade cultural é um diálogo contínuo sobre possibilitar acesso, não é apenas ter elevadores, rampas e banheiros adaptados. São imprescindíveis corrimãos, piso tátil, fichas técnicas das obras com fonte ampliada e braille, audiodescrição e vídeos explicativos com intérprete de Libras. Não basta reproduzir uma pintura, uma escultura, um objeto e permitir que apenas pessoas cegas toquem. Inclusão é participação de todos, é produzir e disponibilizar uma obra pensando na experiência tátil de todos os públicos, com e sem deficiência visual. Os espaços que possuem obras com restrições ao toque, devido aos princípios de conservação, devem disponibilizar réplicas táteis, resistentes, com fichas técnicas com fonte ampliada, braille e audiodescrição dessa réplica tátil.

Este artigo buscou contribuir com este debate ao apresentar uma análise de uma exposição não apenas atenta à acessibilidade cultural mas, sobretudo, na inclusão de todos os públicos, através de um percurso multissensorial mediado. Procurou-se demonstrar que, através do Ler-fazer-contextualizar, é possível disponibilizar uma experiência estética para

peças cegas e com baixa visão em uma exposição de arte. Apesar de a inclusão ser uma tendência, ela ainda enfrenta diversas resistências. A principal é a compreensão social, que ainda se prende à ideia de construir projetos expositivos apenas para a fruição de corpos considerados “normais”. Entretanto, mesmo que consigamos promover acessibilidade, é fundamental incentivar a inclusão eficaz, respeitando a diversidade de corpos.

Entendo que, no processo de apreciação e leitura, a mediação se insere propondo dinâmicas de compartilhamento de ideias e fruições, seja para acolher as diversas impressões; para ajustar o que for necessário às percepções obtidas; ou ainda, para inserir informações importantes e criar, juntos, outras possibilidades de fruição. Com isso, afirmo que elaborar uma obra tátil para o público cego ler, ou seja, para ser tateada, precisa acontecer com esse público, junto a ele, colocando-o dentro do processo de criação. E isso foi feito.

Que nós, acadêmicos, gestores públicos, pesquisadores, professores, museólogos, curadores, arquitetos, produtores culturais, artistas visuais possamos incentivar, contribuir, incluir e ampliar a acessibilidade nos espaços expositivos de arte; com a presença e participação de pessoas com deficiência, inseridas nos museus e nos espaços culturais como agentes (sujeitos) da promoção de uma maior acessibilidade, inclusão social e curadoria participativa nas instituições de artes.

REFERÊNCIAS

AIDAR, Gabriela. **Museus e Inclusão Social**. Ciências & Letras – Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, n. 31, p. 53-62. jan./jun. 2002.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 8 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____. **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais** – São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARBOSA, A. M. (Org.). **Arte-Educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 2001.

BARBOSA, Ana Mae e COUTINHO, Rejane Galvão (Orgs.). **Arte/Educação como Mediação Cultural e Social**. São Paulo: UNESP, 2009.

BARBOSA, Ana Mae e CUNHA, Fernanda Pereira da (Orgs.). **Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

BASCHIROTTI, Viviane. **Livro de artista: palavra-imagem-objeto**. *Revista-Valise*, v. 6, n. 11, p. 101-112, 2016.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (estatuto da pessoa com deficiência)**. Brasília, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 26 de jan. de 2025.

_____. Lei Nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências**. Diário Oficial da União, 20 dez. 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm. Acesso em: 22 de jan. de 2025.

BARON, Dan. **Alfabetização Cultural: a luta íntima por uma nova humanidade**. São Paulo: Alfarrábio, 2004.

CARVALHO, J. G.; FERNANDES, J. M. G. A. **Um olhar sobre o corpo (do) cego**. 2007. 9 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal, 2007. Disponível em: <http://www.cbce.org.br/docs/cd/resumos/107.pdf>. Acesso: 14 jun. 2025.

DERDYK, Edith. **A narrativa nos livros de artista: por uma partitura coreográfica nas páginas de um livro**. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, p. 164-173, 2023.

FRANCISCO, Lucilene; GONÇALEZ, Paula Regina Ventura Amorim. **Modelo biopsicossocial da deficiência: repositórios institucionais X acessibilidade**. In: Anais 29º

Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. 2022. p. 1-11.

MATSUSHITA, Luciana Silva Torres; DA CONCEIÇÃO SILVA, Aires. **Universo tátil: Livro multissensorial para pessoas com deficiência visual. V Congresso Internacional de Educação Inclusiva & A VI Jornada Chileno Brasileira de Educação Inclusiva e Direitos Humanos.** Campina Grande, 2024. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2024/TRABALHO_COMPLETO_E_V196_MD1_ID1479_TB295_20052024083013.pdf. Acesso em: 31 de jun. de 2025.

PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar no ensino das artes.** Porto Alegre: Mediação, 1999.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens.** Editora Melhoramentos, 2012.

SARRAF, Viviane Panelli. **Acessibilidade em Espaços Culturais: mediação e comunicação sensorial.** São Paulo: EDUC – FAPESP, 2015.

_____. **Reabilitação do museu: políticas de inclusão cultural por meio de acessibilidade.** 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista.** Porto Alegre: UFRGS, 2001.